

## **APRESENTAÇÃO SEÇÃO TEMÁTICA**

Atlântico, 08-10-2018

Mesac,

Escrevo esta carta porque percebo que eu não sou um ser terrestre. Desde criança sou inundada por sonhos que narram todos os tipos de águas. Algumas delas são ameaçadoras, é verdade. Sou incapaz de explicar isto sem mostrar no meu corpo a sensação contraditória de asfixia e expansão. É como estar submersa no tempo dos oceanos. Não falo deste tempo como uma metáfora para as lonjuras. Ao contrário, estou querendo descrever a duração enraizada no presente que apesar de raiz, também me escapa.

Nestes últimos meses tenho aprendido sobre a instabilidade do clima e as maresias. Confesso que os recentes acontecimentos me fizeram desistir de dominar a feitura do nó de marinheiro e nem avisto terras que me interessem. Sei que está navegando também e provavelmente já se deparou com o desafio da Corrente de Retorno. São coisas próprias das esquinas e do mar, não é mesmo?

Não encontro nenhum método para a digestão contra náuseas oriundas do fascismo que nos rodeia. Pelo menos não a sangue nu e livre de intenções. A promessa de um sangue contaminado pelo terror tem me deixado tonta com tantas melancolias.

De novo, sei que são coisas das esquinas e do mar. Mas virando a direção deste timão, meu querido amigo, escrevo também porque sei que poderá me ajudar a enxergar outras cartografias possíveis. Afinal, somos atravessados pela teimosia em continuar a navegar.

É bom lembrar que temos a companhia desassossegada de autores potentes e viajantes como nós. A Revista Boitatá número 25 já saiu do porto das preparações e inaugura novas rotas. A nossa nau de conspiradores desejantes está em curso. Farei uma breve apresentação antes de lhe encaminhar os escritos desta inquieta tripulação. Cabe salientar que esta apresentação é parcial, pois os conteúdos dos textos são muito mais instigantes do que o resumo abaixo.

Ana Paula Zanandréa apresenta no seu diário de viagem a sua pesquisa sobre destinerrância e destinação como companheiros de viagem. A autora escreve o seu ensaio intitulado *Porto Alegre, Salvador e Recife: Destinos e errâncias de uma*

*pesquisadora em Artes Cênicas* fundamentado no pensamento filosófico de Jacques Derrida sobre o tema.

Chico Machado apresenta em *Cartas da Nau* os fragmentos dos textos do espetáculo de sua autoria denominado *Manifestos da Nau em oito Cartas*. Também realizou uma técnica de cut up com estes escritos, um tipo de colagem, procedimento utilizado e assim nomeado pelo poeta beatnik William Burroughs.

Diego Baffi<sup>1</sup> com o ensaio *Pognometria e intervenção urbana: Um exercício de variáveis* compartilha sua experiência de criação em uma intervenção urbana em artes pelas cidades Bondy, Paris e Marseille. Descreve a concepção e realização de ações urbanas realizadas na zona de contaminação entre diversas linguagens artísticas, mas valendo-se, sobretudo de elementos oriundos da palhaçaria, performance relacional, deriva, escultura e Parkour.

Luisa D. V. Geisler em “*Eu realmente espero que eu esteja fazendo tudo certo*”: *Um artigo de pesquisa de prática de artes* produziu uma escrita sobre o seu processo criativo em inglês durante o seu mestrado em Processo Criativo com ênfase em Criação Literária pela National University of Ireland. Uma autoetnografia que questionou a ideia de autoetnografia enquanto tentou entender como funcionava um aspecto de sua criação: o sono. Por ter sido pensado para uma das matérias que cursava na época, o texto trabalhou a ideia de viagem não apenas física, mas a viagem mental de produzir e criar em outro idioma, em outro contexto cultural.

Patricia Leonardelli no artigo *O rio que não se vê* desenvolve uma breve incursão cartográfica sobre algumas estratégias para ampliar estados de criação não-espetaculares do artista do corpo. A partir de quatro figuras que funcionam como pontos cardeais para orientação no mapa reflexivo (o corpo que deriva, o camponês sedentário, o marinheiro comerciante e Sherazade), o texto discute os aspectos de formação intrínsecos aos procedimentos da deriva e da narrativa.

Raimundo Rajobac no seu texto *Bildung (formação) como viagem é a experiência da alteridade* faz uma reflexão sobre o viver como imprecisão e não-domínio. O texto também busca contribuir com a ampliação do sentido do conceito de formação (*Bildung*), pois, enquanto viagem, ele designa um movimento dinâmico e hermenêutico que nos põe entre a estranheza e familiaridade. É central a pergunta pelo que nos tornamos, e, parte em direção ao movimento misterioso que conduz a vida,

---

<sup>1</sup> O texto de Diego Baffi, um dos convidados para este número da Revista, devido à sua estrutura teve que ser publicado no final da edição.

sabendo que a marca do mesmo é imprecisão, inconstância, confronto, fronteira, travessia. O outro é compreendido como presença que desestabiliza de forma que o crescimento não está no retornar a si mesmo, mas em reconhecer um mundo infinito jamais dominável ou conceitualizável.

Verônica Veloso e Paulina Maria Caon no texto *Cortar a cidade com os pés: Sobre travessias em paisagens brasileiras* discutem o ato de caminhar como um princípio e um fim, podendo se configurar como uma ação performativa que se encerra nela mesma. A noção de travessia é apresentada em oposição a de deriva, servindo-se da análise de duas travessias: uma em São Paulo e outra em Uberlândia, realizadas por grupos de artistas relacionados a uma pesquisa comum. As autoras percebem as travessias como formas de subverter, de inverter perspectivas de ocupação da cidade, sublinhando como potência e papel do artista a invenção de outros sentidos para hábitos e mundos já constituídos.

Josebel Akel Fares escreve *Rede Atada, Barco Balança... No ir e vir das ondas, as travessias poéticas pelo Marajó* baseada em viagens ocorridas no início do século XXI e faz parte do projeto *Cartografias marajoaras* (1999-2003), que busca constituir desenhos da cultura marajoara, especialmente, a partir de vozes orais com vista a configurar mapas tecidos em periferias ribeirinhas. As narrativas de viagem trazem traços etnográficos e representam passagens, convívios, quedas, asseguradas em construções imaginárias de uma viajante em busca das oralidades poéticas, tão importantes na região.

Leandro Alves da Silva no ensaio *Seguindo as pegadas dos ratos: Imersão, aprendizados e travessias em busca da Lenda de Hamelin (Alemanha)* apresenta sua pesquisa sobre os contos de fadas a partir de uma imersão estética, poética e investigativa na cidade de Hamelin (Alemanha), cenário da famosa lenda “O Flautista de Hamelin”. A partir dos aprendizados das andanças pela pequena cidade, o pesquisador funde-se à sua própria pesquisa sobre os contos de fadas universais, orientado pela melodia irresistível da curiosidade e das descobertas pessoais. Prescruta o sentido do “fatum” ou do destino nos contos universais e a partir da lenda de Hamelin, apresenta as principais características dos contos universais que sustentam o mistério de suas origens e a sua imortalidade, sempre se renovando e iluminando as inquietações da contemporaneidade.

Sofia Rodrigues Boito no ensaio *Deslocamentos e errâncias: A criação de escritas Perform-ativas* apresenta algumas reflexões, análises e criações poéticas feitas

durante a pesquisa de doutorado intitulada *Escritas performativas: textualidades criadas por corpos e espaços*, nela a autora relaciona a experiência corporal de escritores durante caminhadas e errâncias e os resultados textuais alcançados. O intuito é de refletir sobre a natureza dos textos que emergem de tais práticas, considerando corpo e mente como duas entidades integradas. A autora utilizou os estudos de historiadores como Georges Vigarello e David Le Breton, de filósofos, como Deleuze e Rousseau e de críticos literários, como Dominique Rabaté.

Mesac, conte-me o que avista de onde está. Seu fôlego me inspira a continuar navegando.

Beijo

Oceânica Adriana,

Respondo sua carta com esse cartão postal escrito à mão em tinta azul no final do dia. Receber notícias suas e dos nossos amigos e amigas viajantes me faz vibrar a alma.

Faço das suas notícias, hoje, as canções das minhas ilhas (essas da imagem do cartão). Sim, as minhas ilhas cantam, Adriana. As tenho diante das minhas pupilas e dos meus ouvidos neste preciso instante: verdes, escuras, úmidas, rodeadas de rios que espelham o azul chumbo de um céu carregado. As minhas ilhas cantam ao serem acariciadas pelo rio. O Rio Jacuí tange as margens submersas, as lambe lentamente num ir e vir calmo e melódico. Todo o arquipélago se estremece sob o signo d'água, ilhas ungidadas por uma língua líquida que lhes segreda os presságios da noite que vem.

Beijos

Adriana Jorgge e Mesac Silveira  
Organizadores